

Luiz Antonio de ASSIS BRASIL

PUCRS

Perante um tema assim vasto, confesso minha limitação. Há fórmulas hábeis à compreensão do Universo, religiosas talvez, atéias outras, mas sempre é possível, com alguma fé, ou imaginação e alguma razão, vislumbrar um certo grau de compreensibilidade no mundo que nos cerca.

Mas, como compreender o invisível da sedução? Por certo que não estamos a falar no invisível apenas aos olhos, como os vírus ou as crateras da lua. As crateras eram invisíveis a Galileu, que no entanto tornou-as visíveis com sua luneta, bem como os anéis de Saturno e os satélites de Júpiter — o que temos aí é apenas um certo grau de invisibilidade; fato semelhante ocorre com os átomos, que não se vêem e no entanto afirmamos que existem e até servimo-nos deles para destruir Hiroshima ou curar o câncer. Nestes casos, temos um invisível accidental, e não substancial.

Pensei, aqui, no invisível à razão imediata, algo que não diz respeito aos olhos, mas à sensibilidade e à inteligência. Mesmo assim, a magnitude do problema levou-me a uma escolha que freqüenta meu campo habitual de dúvidas, e que se refere ao invisível literário, mais propriamente, ao invisível na narrativa - e assim cercamos o problema em lindes definidas e confortáveis. Caberá a meus ouvintes, e os con-

---

voco a isso, a ampliar essas reflexões a outras formas de conhecimento, amparados por tudo o que disser meu companheiro de mesa, bem mais capacitado do que eu a conduzi-los nesses meandros.

Mas voltando ao literário. É evidente que não se pode prescindir da âncora da teoria, nesses casos — meu reino por uma teoria! — e para isso peço um instante de paciência para expor a idéia de Piglia sobre o tema. Toda narrativa literária é um jogo entre o que se diz e aquilo que não se diz. Uma história, como sabemos, é feita de episódios concretos, articulados segundo a relação de causa-e-efeito, isto é: um episódio dá origem a outro, que por sua vez originará outro e assim forma-se o tecido narrativo. Para usar uma *boutade* muito conhecida: se a personagem deve morrer de tuberculose pulmonar no décimo capítulo, deve ao menos dar uma tossidela no sétimo. Com certeza já perceberam que estou admitindo a narrativa literária como uma "arrumação" do real, já que o real, em si, é disperso, precisando da mão do narrador para que se apresente compreensível ao leitor. É evidente que não estamos ressuscitando princípios do realismo ou do naturalismo, que estabeleciam um compromisso do literário com a realidade "real", se me permitem a redundância. Hoje, como se sabe, a narrativa pode apresentar-se desarticulada e fragmentada; mas mesmo nessa fragmentação e desarticulação, haverá um método, caso contrário a obra será ilegível.

Agora: esse "visível" literário é apenas um pretexto para o texto, com perdão do jogo de palavras tão caro aos poetas concretistas, que via de regra se comprazem com essas brincadeiras. Digo que é um pretexto porque o visível não é, a rigor, a causa determinante da narrativa - ao contrário, é o invisível que assume a posição de verdadeiro objeto da narrativa.

Pensemos na *Missa do Galo*, esse conto admirável de Machado de Assis: o que há, neste conto? Antes de mais nada, uma conversa entre uma senhora de trinta anos, casada, com um jovem de dezessete. Os assuntos assustam de tão banais, e fazem o leitor desprevenido interrogar-se: mas esse famoso conto é apenas isso, um diálogo ocioso nos momentos que antecedem a Missa? Ora, isso seria subestimar o

---

Bruxo do Cosme Velho, que não perderia seu tempo, nem o tempo dos leitores, a relatar essa conversa efêmera sobre Os três mosqueteiros, quadros na parede e noites mal-dormidas.

Aí ingressamos no domínio do invisível, o espaço de fantasia e da imaginação, que o leitor vai construindo com os indícios jogados, não acaso, na trama: um gesto, um olhar, entrelinhas de espanto ante uma vida desprovida de emoções que revelam ser Conceição uma mulher desgraçada, submetida à hipocrisia de um casamento que estertora, e cuja vida transcorre numa sucessão de mágoas eventualmente nem conscientizadas pela protagonista. É nesta tensão entre o dito e o não-dito, ou se quisermos, entre o visível e o invisível, que este conto encontra sua justificativa. A trama, assim, assume papel acessório. Tire-se o significado invisível e o texto não subsiste. Machado de Assis, antes de pensar nos diálogos e descrições de *A Missa do Galo*, pensou na história subterrânea que queria passar ao leitor. A sua habilidade narrativa encarregou-se de tornar invisível o essencial, deixando à argúcia do leitor, guiado apenas pelos indícios, a tarefa de criar o conto.

O mesmo acontece com *A terceira margem do rio*, de Guimarães Rosa. Um homem, largando tudo, passa a singrar as águas com sua canoa, para lá e para cá, num eterno movimento. Seus parentes acompanham aflitos aquela loucura, e em especial seu filho, talvez o mais amargurado por enxergar seu pai enlouquecido. Passa-se o tempo e a situação não se altera. O filho, porém, desejando dar um fim àquilo tudo, chama seu pai, grita-lhe que abandone o barco e, por fim, não tendo resposta, dispõe-se a libertá-lo daquele sortilégio, propondo-lhe trocar de lugar com ele. O pai parece que vai aceitar, chega a ensaiar um gesto, quando filho foge em disparada. Isso nos diz Guimarães Rosa, em sua história visível. Mas, o que nós dizemos? Qual o invisível dessa história e que nós, os leitores, criamos? Não é preciso trabalho muito difícil, pois as chaves do invisível são dadas pelo próprio autor, no contexto, e estão na superioridade do instinto de liberdade sobre o amor filial, entre outras coisas.

Na condição de orientador de aspirantes a escritor, sou procurado por alunos que me relatam uma história e me indagam se aquela

---

história dará um conto. Minha irritante resposta é *depende*: o que esta história significará? O que induzirá o leitor a pensar, depois de acabada a leitura? Qual a idéia invisível que formará?

É importante, entretanto, que se entenda: não se espere apenas um jogo de armar infantil, em que o leitor andarà à cata de sentidos obscuros do texto, pelo simples prazer lúdico — isso seria abastardar o sentido do literário. Dá-se ao leitor a possibilidade de edificar o real sentido do texto como uma forma de cativá-lo, já que o leitor é esse ente tão caprichoso e impaciente. Na medida em que o leitor “escreve” o invisível, ele sucumbe à sedução, ele assume o papel de co-autor e, portanto, co-partícipe do processo mágico da criação. Estabelece-se, assim, um diálogo entre o autor e o leitor, necessário à transcendência do texto e à plena fruição estética. Ninguém gosta — e muitas vezes não sabe porque — de uma narrativa que se limite ao visível, pois essa narrativa subestima a quem lê, quando não se apresenta de maneira moralista e absolutamente fechada. O invisível literário é que explica a extraordinária sedução das obras célebres, estabelecendo-as como modelo de bem escrever. E a nós nos cabe saudar os autores que se dão conta desse fenômeno.